



## Táticas de autoproteção ou trapaças na ordem normativa: narrativas de mulheres trans sobre a educação básica e suas famílias

Marlyson Pereira<sup>1</sup>

Larissa Pelúcio<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste artigo, partimos de entrevistas com cinco mulheres trans que chegaram a diferentes estágios do ensino superior, interrogando-nos como enfrentaram os anos de educação básica, estágio imprescindível para que chegassem à Universidade, em uma sociedade na qual ainda são poucas as pessoas trans que conseguem se escolarizar e mesmo sobreviver. A partir dos aportes de Michel de Certeau (1994) de pensar os fazeres ordinários como agenciamentos inventivos, acionamos as trapaças à ordem normativa e a camuflagem como táticas criativas que as permitiu se moverem no ambiente da escola. A família apareceu nos relatos colhidos como lócus de acolhida e espaço de reelaboração de si, a partir do apoio dado aos processos de transição de gênero, além de suporte material e simbólico para a permanência das entrevistadas na escola.

**Palavras-chave:** Mulheres trans, fazeres ordinários, educação básica, relação com a família.

**Abstract:** In this article, we start from interviews with five trans women who reached different stages of higher education, asking ourselves how they faced the years of basic education, an essential stage for them to reach the University, in a society in which there are still few trans people who manage to get an education and even survive. Based on Michel de Certeau's (1994) contribution of thinking of the ordinary actions as inventive agencying, we used the cheating of the normative order and the camouflage as creative

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista, Unesp - Marília (2020). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (2014). Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de São João Del-Rei (2008) e em Ciências Sociais pela Universidade Metropolitana de Santos (2018). Professor na Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Livre-Docente em Estudos de Gênero, Sexualidade e Teorias Feministas. Atua como professora de Antropologia na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (campus Bauru Departamento de Ciências Humanas FAAC), integra o quadro de docentes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na mesma instituição. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), realizou Pós-doutorado na Université Paris 8 - Vincennes - Saint Denis.

tactics that allowed them to move in the school environment. The family appeared in the collected reports as a locus of welcome and a space for self-redevelopment, based on the support given to the gender transition processes, in addition to material and symbolic support for the interviewees' permanence in school.

**Keywords:** Trans women, ordinary doings, basic education, relationship with family.

**Resumen:** En este artículo, partimos de entrevistas a cinco mujeres trans que llegaron a diferentes etapas de la educación superior, cuestionando cómo afrontaron los años de educación básica, etapa esencial para llegar a la universidad, en una sociedad en la que todavía son pocas las personas trans que logran educarse e incluso sobrevivir. Basándonos en las aportaciones de Michel de Certeau (1994) para pensar las acciones ordinarias como agenciamientos inventivos, pusimos en marcha el engaño del orden normativo y el camuflaje como tácticas creativas que les permitían moverse en el ámbito escolar. La familia apareció en los relatos recogidos como un locus de acogida y un espacio de reelaboración del yo, a partir del apoyo dado a los procesos de transición de género, además del apoyo material y simbólico para la permanencia de los entrevistados en la escuela.

**Palabras-clave:** Mujeres trans, las acciones ordinarias, la educación básica, la relación con la familia.

## Introdução

Este texto nasceu dos desdobramentos da tese de doutorado intitulada *Mulheres Trans universitárias*: a emergência de políticas públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP, campus de Marília). Escrito a quatro mãos, este artigo toma parte de minha tese como gênese para os debates que produzimos aqui. Assim, apesar da voz do narrador estar em primeira pessoa do singular, as discussões aqui propostas, bem como as escolhas teóricas e metodológicas foram fruto de um trabalho conjunto com a segunda autora do texto, orientadora da tese em questão. As mudanças na voz do narrador se devem à nossa escolha em tratar a escrita da tese como um processo intelectual autoral, mas que não se dá sem múltiplos diálogos.

Na tese, traço o histórico da emergência de Políticas de governo e de Estado que possibilitaram que mulheres trans pudessem estar nas Universidades Públicas brasileiras como tal, isto é, a partir do reconhecimento da singularidade de suas experiências de gênero e das reparações histórias que precisam ser feitas em relação às oportunidades de

ingresso desse segmento.

Propomos que essas políticas de acesso, inclusão e permanência não podem ser pensadas sem a atuação do Movimento Social de Travestis e Transexuais, porém, consideramos ainda, o papel fundamental de acadêmicas e acadêmicos que têm discutido identidades de gênero a partir de perspectivas teóricas críticas às visões patologizadas e essencializantes. Dito isso, optamos aqui por focar na singularidade das experiências de mulheres trans e não na dimensão institucional propriamente.

Partimos dos relatos de cinco mulheres trans entrevistadas<sup>3</sup> pelo primeiro autor deste artigo, identificando em suas narrativas o que chamaremos aqui de táticas de autoproteção. Focamos nas estratégias para sobrevivência desenvolvidas para suportarem o cotidiano escolar, bem como as formas de enfrentamento/convencimento diariamente articuladas junto às suas famílias.

A pesquisa, que resultou em minha tese, tem sua gênese em meados de 2016 quando me deparo com uma notícia já antiga, datada de 11 de abril de 2012. O sítio da internet “Diálogos Políticos” noticiou que, pela primeira vez no Brasil, uma travesti iria concluir um doutorado no país. A notícia referia-se à Luma Nogueira de Andrade<sup>4</sup>, que estava prestes a defender sua tese no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. O tom de excepcionalidade da notícia revelava mais sobre as questões de gênero que criavam barreiras simbólicas bastante eficientes para a exclusão de mulheres trans dos espaços universitários, do que sobre as capacidades intelectuais de Luma de Andrade.

Se Andrade era a primeira, podemos pensar que a Universidade Pública não era vista como uma realidade para essas pessoas, e o seu corolário é que pós-graduação era algo ainda mais distante. No entanto, para que elas chegassem até a Universidade e, no caso, a universidade pública, as mulheres trans precisaram criar algumas estratégias de sobrevivência para permanecerem na escola básica, ou o que chamei de táticas de resistência. Assim, este artigo traz as estratégias criadas no ambiente da escola por essas mulheres, bem como a relação com a família, sendo fundamental para suas formações escolares e universitárias.

---

<sup>3</sup> Duas das entrevistadas são pessoas que têm atuação na internet e preferiram manter seus nomes inalterados para os fins deste trabalho. As demais entrevistadas tiveram seus nomes modificados.

<sup>4</sup> Luma Andrade é atualmente professora Adjunta DE da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Para trazer essas narrativas, organizamos este texto em três partes, além da conclusão. Iniciamos assumindo a primeira pessoa do singular, apresentando a metodologia da pesquisa que sustenta as discussões aqui apresentadas. Em seguida, apresentamos os conceitos que nos possibilitaram pensar a permanência na escola como um processo criativo, durante o qual as entrevistadas “trapaceiam” as normas e, criativamente, acionam táticas de sobrevivência.

Na terceira parte, a relação com a família surge no relato das interlocutoras como *locus* de acolhida, onde podem elaborar e reatualizar suas táticas escolares.

A partir do exposto, temos como objetivo neste texto pensar as narrativas das interlocutoras sobre seus períodos passados na educação básica e, as relações com suas famílias, aqui visto, como de grande importância para a conclusão de suas formações escolares.

### **Tecendo a rede de afetos: os fios metodológicos e teóricos dos encontros**

A aproximação com as interlocutoras da pesquisa se deu a partir da tessitura cuidadosa de uma “rede de afetos”. Esta se configura como sendo uma apropriação da técnica metodológica *snowball* (bola de neve). Parte-se de uma colaboradora “semente” que indica “novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente”, (BALDIN, MUNHOZ, 2011, p. 50).

A partir da rede de afetos fui estendendo esses fios para espaços nos quais as interlocutoras circulavam: eventos acadêmicos e redes sociais online. O *Facebook* e o *Youtube* me ajudaram também a compor essa rede. Com destaque para o primeiro, local que mais utilizei para fazer os contatos iniciais.

Inicialmente foram muitas as recusas, tantas visualizações de minhas mensagens sem resposta alguma, ou ainda, respostas grosseiras, que precisei mudar minha estratégia de aproximação. Foi nesse momento que descobri a plataforma de compartilhamento de vídeos *Youtube*, em que algumas mulheres trans contavam suas experiências em seus canais e pareciam ser mais acessíveis. Assim, optei por entrevistá-las pelo aplicativo de mensagens síncronas *WhatsApp*. Por esse canal foi possível fazer chamadas de vídeos, enviar áudios e textos, o que facilitou grandemente os contatos, eliminando o problema dos deslocamentos e os custos aí implicados.

A primeira interlocutora foi Ane Ranyele, uma jovem mulher trans, estudante de arquitetura da cidade de Belo Horizonte-MG. Encontrei-a no *Youtube* e assisti a alguns de seus vídeos. Em seguida fui ao seu *Facebook* para fazer o contato. Deixei uma mensagem apresentando a pesquisa e convidando-a a me dar uma entrevista. Depois de alguns dias, ela respondeu, positivamente.

Lembro-me de que era domingo quando realizamos a entrevista. Anne Ranyele apareceu *on-line* no aplicativo uma hora depois que tínhamos combinado, mas, segundo afirmou, fez questão”, de falar comigo. Ela contou-me, então, de seus primeiros tempos na escola. Falou da faculdade e de seus sonhos para o futuro e do medo que tinha diante do que enfrentaria depois que terminasse a faculdade. Conversamos também sobre sua família e sua criação religiosa.

A família de Ranyele mudou-se muitas vezes, pois seu pai era minerador. Esses deslocamentos marcaram sua trajetória escolar e definiram estratégias e “trapaças”, como veremos mais à frente.

Ranyele contou que criou o canal no Youtube para “poder ajudar algumas outras pessoas a se entenderem melhor”. Mas há quatro anos já não se dedica a ele como antes<sup>5</sup>.

A segunda interlocutora foi Maria Eduarda (nome fictício criado a pedido da interlocutora). Psicóloga, negra, moradora do Nordeste brasileiro, Maria Eduarda me foi indicada por um amigo que me passou seu contato. Em uma entrevista de mais de uma hora, ela falou de suas experiências como uma criança tímida e de como se tornou a mulher forte que ela vê em si mesma. A mulher que conseguiu fazer a sua “volta de Tieta”. Esta é uma referência à Tieta, personagem de Jorge Amado, quando esta retorna a sua pequena cidade natal, de onde saiu humilhada, transformada e admirada pelos conterrâneos. “Cirurgiada”, Maria Eduarda, fez seu retorno à la Tieta.

Pensando em manter o anonimato de algumas interlocutoras, optei por trocar o nome daquelas que assim solicitaram. Optei por nomes compostos em que todas seriam Maria (Clara, Eduarda, Augusta), essa foi uma escolha feita em referência à música de Milton Nascimento “Maria, Maria”. As Marias deste artigo também “misturam dor e alegria” e que “merecem viver e amar como outra qualquer no planeta”.

Para pensar juntamente com essas mulheres trans, evoco a poesia de Milton

---

<sup>5</sup> O canal foi aberto em 2013. Em janeiro de 2022 contava com 920 pessoas inscritas e a última postagem foi feita há 4 anos. (<https://www.youtube.com/c/AnneRanyelle/featured>)

Nascimento e Fernando Brant. Marias são mulheres comuns, mas mulheres de força. São seguidoras da roda da vida e, como proponho, fazem a roda girar. A roda do caminho, o caminho da estrada, as rotas dos mundos, tantos quantos tiverem criatividade para inventar e forças para se manter. Nessas roda-rotas, ou nessas rota-rodas, é o caminhar que nos importa. Não há chegada, porque está no deslocamento, na construção, esse tencionar que aqui se faz. Pensar as Marias, em seus “fazimentos”, usando um neologismo, para dizer esse fazer cotidiano, mas que não é comum, porque provoca um deslocamento. Com a intenção de fazê-lo, constroem outro território, resistem à ordem dura, normativa e fazem rotas novas.

A terceira entrevista foi com Maria Clara, estudante da Universidade Federal de São Paulo. À época, Maria Clara estava fazendo seu pós-doutorado em uma área das chamadas ciências duras. Talvez por isso, suas respostas tenham sido mais diretas e concisas.

Maria Clara nasceu no Paraná, mas, no momento da entrevista cursava pós-doutoramento em São Paulo. Filha de uma família de classe média, que viu em sua ida para São Paulo, “um lugar para poder se encontrar”. Como John D’Emilio (1983) já discutiu, migrar para cidades maiores que as de origem se colocam como locais de possibilidades para se viver e experienciar com mais segurança a liberdade afetiva e sexual.

A quarta entrevista foi com Maria Augusta. Paulista, cursando mestrado na área da saúde, Maria Augusta fala sobre a trajetória escolar. Com uma fala envolvente e carismática a entrevistada diz que sofreu muita transfobia durante o Ensino Médio e que os xingamentos, ofensas eram diários. Sentindo-se sem forças para resistir aos ataques sozinha, resolveu contar a seus pais o que se passava na escola, de forma que o processo se tornou “menos solitário”, tornando o cotidiano escolar mais suportável.

Para Maria Eduarda conceder aquela entrevista era “uma forma de militar” e fazer que sua experiência pudesse chegar a outras pessoas como ela e assim, de alguma forma, inspirá-las.

A quinta entrevista foi feita com Beatriz Pagliarini, criadora do sítio na internet chamado *Transfeminismo*. Naquele espaço, ela e outras mulheres trans debatem questões ligadas às pautas feministas e transexuais. Com vários artigos publicados em revistas acadêmicas e no blog mencionado, Pagliarini problematiza as questões de gênero, transexualidade, interseccionalidade, entre outros e, durante toda a nossa conversa, manteve-se questionadora, crítica e reflexiva.

Paulista do interior do estado, Beatriz Pagliarini reconhece-se como pertencente à classe média e diz que conta com grande aceitação por parte de seus pais. Em relação à vida escolar, ela conta que estudou grande parte de sua vida em um colégio privado católico. Quando me concedeu entrevista, cursava mestrado em Letras no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

### **Sobreviver à escola: construção de estratégias de autoproteção**

Começamos pelas estratégias, que estamos chamando também de “trapaças” ao sistema heteronormativo, que algumas autoras e autores têm chamado de “cistema”, em uma alusão à cisgeneridade, como experiência corporal e de gênero própria de pessoas que não são transexuais ou travestis (COLLING, ARRUDA, NONATO, 2019). Focamos nas táticas criadas por elas para permanecerem no ambiente da escola. Estas serão pensadas a partir da proposta teórica de Michel de Certeau (1994).

Se a escola cria redes de vigilância e disciplinares sobre os corpos e subjetividades, a família como instituição socializadora também cumpre importante papel nessa trama na qual as entrevistadas buscam descoser pontos dessas redes.

Nas palavras de Michel de Certeau (1994, p. 41),

Se é verdade que em toda parte se estende e se precisa a rede da vigilância, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que maneiras de fazer formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou dos dominados?), dos processos mudos que organizam as ordenações sociopolíticas).

Vamos pensar nessa contrapartida tensionada por Certeau (1994), nesses procedimentos minúsculos que buscam um fazer cotidiano, um fazer ordinário, que produz resistências. Propomos que essa contrapartida “constitui as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 1994, p. 41).

O historiador vai se ater aos procedimentos ordinários pelos quais pessoas ordinárias, aquelas esquecidas pela história, inventam táticas para se mover nos espaços.

Essas pessoas se tornam esquecidas por aqueles que estão “presos a métodos analíticos, estatísticos e positivos”, segundo disserta Adilson Silva e Divino Silva (2016, p. 10). “Certeau buscou entender os espaços do subsolo desses ordinários, seu caminhar, os desvios e malabarismo do fazer” (Ibidem, p. 11).

Não é possível prender no passado, nas zonas rurais ou nos primitivos os modelos operatórios de uma cultura popular. Eles existem no coração das praças fortes da economia contemporânea. Como no caso da sucata, por exemplo. Esse fenômeno se vai generalizando por toda a parte, mesmo que os quadros o penalizem ou “fechem os olhos” para não vê-lo. Acusado de roubar, de recuperar material para seu proveito próprio e utilizar as máquinas por conta própria, o trabalhador que trabalha com sucata subtraí à fábrica (e não tanto bens, porque só se serve de restos) em vista de um trabalho livre, criativo e precisamente não lucrativo. Nos próprios lugares onde reina a máquina a que deve servir, o operário trapaceia pelo prazer de inventar produtos gratuitos destinados somente a significar por sua obra um saber fazer pessoal e responder por uma despesa a solidariedades operárias ou familiares (CERTEAU, 1994, p. 87-88).

As invenções, a partir de sucata, sobre as quais problematiza Certeau (1994), são esses golpes, como o cortador/a de cana, nessa ordem tecnicista. O trabalhador/a que usa a sucata ressignifica o cotidiano duro da fábrica, por meio de um trabalho livre, criativo e precisamente não lucrativo (CERTEAU, 1994), criando assim, uma trapaça nesse mesmo sistema. “A produção de sucata consiste na arte de desviar, de maneira poética e criativa, uma ordem racional dentro da própria ordem” (SILVA; SILVA, 2016, p. 11).

Certeau propõe que essa tática consiste “na capacidade de se mover nos espaços do outro. Adquirir uma tática é aprender a arte de ‘dar um golpe’ usando o senso de ocasião” (SILVA; SILVA, 2016, p. 13). Por isso, Certeau (1994) destaca a sucata, como sendo o instrumento que vai possibilitar que o golpe seja dado, possibilitando a trapaça da ordem.

Aqui já podemos retomar algumas falas das interlocutoras, procurando a trapaça na ordem, aquela sucata que permite que construam táticas de sobrevivência.

Uma dessas táticas aparece na entrevista com Anne Ranyelle. Ela conta que a impermanência se tornou para ela uma estratégia de blindagem. Como seu pai trabalhava com mineração, a família era obrigada a se mudar com muita constância, “o lado bom era que quando as pessoas me conheciam e poderiam praticar bullying, me chamar de gay eu já estava me mudando novamente. Eu já estava indo para outra cidade” (UNESP, 2018b). Acionava assim uma certa trapaça, como na proposta de Certeau. Sua passagem fugaz pelas

escolas deixava rapidamente os detratores sem seu alvo.

“É a arte de camuflar a dor, de evitar o bote, de se misturar e – mudar de pele (em alguns momentos) para não ser visto, de mudar de ideias e de roupa (contra a própria vontade) para não ser agredido” (ANDRADE, 2012, p. 218). Luma de Andrade reproduz em sua tese a narrativa de Gabi, que ao ser cortada de um evento da escola porque não conformava às sucessivas tentativas de adequação a seu sexo biológico a uma expectativa de gênero da instituição. A partir daquele momento, Gabi entendeu que seus esforços de atender às expectativas normativas de ser uma aluna com boas notas, atenta e responsável não eram suficientes para livrá-la do *bullying* dos colegas e nem obter o respeito dos/das adultos/as. Resolveu, então, ser o oposto da “boa aluna”, passando a ser tão temida quanto respeitada. “Eu sabia que era errado” (ANDRADE, 2012, p. 218) confessa Gabi, mas, ao se rebelar contra a disciplina escolar, o disciplinamento constante de seu corpo, cessou.

“Essas e outras táticas de autoproteção são utilizadas por todos que se encontram coagidos (...) só lhes resta a astúcia” (ANDRADE, 2012, p. 218).

Anne Ranyelle, com astúcia, adia o escárnio aceitando até onde julga possível os disciplinamentos de gênero no ambiente escolar, entendendo que quando “falhar”, já será hora de ir-se novamente.

Em sua tese, Andrade (2012) foca nas resistências e assujeitamentos das jovens travestis na escola e quais táticas vão construindo à ordem normativa. Muitas vezes é preciso dissimular, disfarçar para seguir em frente e sobreviver. Trapacear, como fazem os insetos e outros animais. Aqui a disciplina foi driblada e surgiu “a produção de uma poética, de uma estética camufladora como fazem os camaleões” (ANDRADE, 2012, p. 217).

Anne Ranyelle conta que quando estava na oitava série (atual nono ano) se mudou

para uma cidade chamada Ourilândia do Norte, no Pará. Essa cidade era uma cidade pequena. A Vale<sup>6</sup> tinha acabado de se instalar lá, tinha uns quatro mil habitantes, então todo mundo que chegava lá era novo. E talvez porque todo mundo era novo, não tinha aquelas panelinhas e tal. Na escola onde eu estudei era muito fácil todo mundo ser amigo de todo mundo porque estávamos todos passando pela mesma situação: filhos de mineradores que não tinham essa abertura porque mudavam muito e do nada chegavam a uma cidade, onde construíram uma escola para a gente estudar e estava quase todo mundo no mesmo barco, por assim dizer. Então ali foi muito fácil de me expor e criar laços (UNESP, 2018b)<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Aqui se referindo a Vale do Rio Doce, a mineradora multinacional com grande atuação em Minas Gerais.

<sup>7</sup> UNESP. “Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico”. 5 de outubro de 2018b, 20h:48min. WhatsApp

Camaleoa, Anne encontrou ali outras pessoas que compartilhavam a experiência de se verem sem as antigas redes. Ali ela conseguiu estabelecer alguns afetos com outros sujeitos, que, iguais a ela, eram novos em todos os lugares por onde passavam. Assim, esse lugar, que se apresentava para todos/as, segundo Anne Ranyelle, era um local onde ainda não existiam os grupos formados e as pessoas que chegavam tinham de se abrir para conhecer outras pessoas. É nesse momento que Anne declara que era mais fácil criar laços, pois, as regras, ainda, não estavam estabelecidas. Parecia existir algo que os colocava não em situações de desigualdade, mas, ao contrário, o local novo os/as igualava.

Anne disse ter muita saudade daquela cidadezinha. “Morei dois anos lá. Ourilândia do Norte. E foi lá que eu comecei a me travestir, que me assumi pela primeira vez para os meus amigos” (UNESP, 2018b).

Eu passei por essa parte da minha vida em 2010, sobre descobrir o que era transexualidade, lá onde eu tinha uma vertente social maior. [...] A primeira vez que eu me apaixonei foi dentro dessa etapa escolar, meus amigos mais próximos... porque antes eu não tinha... não podia dizer que eu tinha um amigo, que eu era apegada a uma pessoa (UNESP, 2018b)<sup>8</sup>.

A impermanência como tática deu lugar ao experimento. Anne foi tateando possibilidades. Onde tudo era novo, ela também poderia ser a novidade. Era a sua possibilidade, agora com 15 anos, fazer uma bricolagem com a norma, podem usar — inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei” (ANDRADE, 2012, p. 218).

Andrade (2012, p. 218) escreve que “a disciplina é uma coisa, a forma como as pessoas se relacionam com a disciplina é outra”, pois falamos de relações de poder. Há um movimento de cima para baixo, mas também haverá outro de baixo para cima, do centro para as bordas.

É nas bordas que Maria Augusta encontra formas de se fortalecer. São seus amigos da época do Ensino Médio, aqueles que a apoiam em sua sexualidade. “Já era uma época que eu era assumida enquanto gay, e aí tem os meus amigos próximos, eu tinha o apoio deles. Então com aquelas pessoas eu podia conversar sobre. Já existia uma flexibilização dentro desse ambiente (UNESP, 2018e)<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> UNESP. “Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico” 5 de junho de 2018b, 20h:36. WhatsApp

<sup>9</sup> UNESP. “Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico” 10 de outubro de 2018e, 10h:44. WhatsApp

Retornamos novamente a Andrade (2012) para pensar a escola como o lugar da norma, da disciplina, do controle, operando no espaço geográfico e territorial, determinando o que pode e o que não pode ser vivido ali. Porém, a escola é também lugar da contestação, da produção de saberes outros. Como mostra Thiago Ranniery (2016) em sua tese de doutorado, o corpo docente é muitas vezes parte agente ativo na promoção disruptiva das identidades, assim como eventos que podem ser lidos como os mais reiteradores da norma, são aqueles nos quais estudantes encontram espaços para subvertê-las.

Como Ranniery, vemos que algumas táticas, incluindo aquelas que buscam revisitar discurso que repetem incessantemente esse lugar de captura, buscamos pensar como Saba Manhood, que “a lógica de subversão e resignificação” das normas, sobretudo aquelas que conformam gêneros e sexualidades, não podem ser pré-determinadas, “porque os atos de resignificação-subversão são, do seu ponto de vista, contingentes e frágeis, revelando-se em lugares inesperados e comportando-se de maneira imprevisível” (MAHMOOD, 2006, p. 135).

Quando Maria Eduarda começa a ter amigos, esse espaço da disciplina e da vigia passa a ser resignificado, posto que os amigos são aliados. Os/as estudantes “conseguem criar as maneiras de ser e de fazer, as maneiras de se comportar ou de não se comportar, dependendo da ocasião. Sabem as regras do espaço, sabem obedecer (se assujeitar) e sabem desobedecer (criar resistência)” (ANDRADE, 2012, p. 221). Maria Eduarda, ao mesmo tempo que relata um lugar de ordenamento, também trouxe um lugar de construção de sentido.

Retomamos a fala de Anne Ranyelle ao relatar sua volta a Minas Gerais. Disse que saiu de sua escola, onde teve boas e importantes experiências, como relatado anteriormente, contudo sua volta fez com que ela fosse estudar em uma escola pública, pois seus pais passavam por dificuldades financeiras:

O meu segundo para o terceiro ano foi a experiência mais, eu digo assim, privadas de conceitos, transfobia, então nesses dois últimos anos eu vivenciei muito isso. Porque foi assim, eu já estava uma pessoa mais aberta, uma pessoa mais madura também, uma pessoa mais disposta a dar a cara a tapa, não me importava com que as pessoas viam, até porque eu vinha de um lugar onde eu tinha sido muito bem acolhida, então eu cheguei aqui foi para dar a cara a tapa mesmo, então eu fui enfrentando muita coisa. Foi um tempo que eu trabalhei em um jornal, eu estava iniciando o terceiro ano, então me tornei uma pessoa muito visada e não

estava mais naquela fase de quero me esconder, eu estava na fase de foda-se, essa sou eu. Eu tive muita sorte porque eu passei por uma fase que me moldou e me fortaleceu e que foi base para mim enfrentar esses dois anos, base para mim correr atrás dos meus sonhos e base para saber que existem pessoas que vão me aceitar do jeito que eu sou, independente de gênero, independente de sexualidade (UNESP, 2018b).<sup>10</sup>

Pensamos essa fala de Anne Ranyelle a partir dessa vontade de vida que agora não quer mais ficar aprisionada e sem amigos. “Foda-se, essa sou eu”. Um eu que estava ali para “dar sua cara a tapa”. Mas agora ela sabia, ou melhor, tinha experienciado os seus desejos e não mais os deixaria escondidos, pois eles, como todos os desejos, eram políticos. Sobreviver era vivê-los politicamente.

O vulcão já havia entrado em erupção, produzindo rupturas e incêndios. A fissura fora aberta quando decidiu encarar seus desejos, ao encontrar o afeto, que se potencializou nas experiências de sua vida, nas rotas que buscou construir. Aqui citamos Deleuze e Guattari (2011a), no *Anti-Édipo* os autores afirmam que o desejo toca a matéria. Ele, essa vontade de vida, essa força primeira, antes de qualquer conceituação, vai sair de algum modo, como um rio que busca o mar, ou a rocha incandescente que busca a destruição por onde passa, derretendo árvores, casas, pessoas. Haja estratégia para barrar toda essa lava quente com vontade de pulverizar tudo.

As interlocutoras disseram que foram criando táticas para transitarem no espaço da escola. Um espaço no qual os arranjos discursivos as lembravam de que não eram bem-vindas. Reconhecer essas recusas é o que permite que atuem suas camuflagens e forjem suas sucatas criativas. Camuflar é estar e não estar no território. A camuflagem sinaliza que conhecem as normas institucionais que são também normas de gênero. Camuflar pode ser uma forma eloquente de silêncio.

As táticas de sobrevivência as colocam nessa fronteira entre o estar e não estar, o ser vista, mas não se mostrar inteiramente, trapaceando, jogando com o regime óptico que muitas vezes quer apagá-las como transexuais e travestis.

No próximo tópico, trazemos a relação com as famílias e a importância dessas como redes de apoio para a constituição de suas carreiras acadêmicas, seja na escola básica ou na Universidade.

---

<sup>10</sup> UNESP. “Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico”.5 de junho de 2018b, 20h:47. WhatsApp

## A família como *locus* de sobrevivência

Nesta seção, nos voltamos para as famílias das interlocutoras, uma vez que, em suas narrativas, o apoio familiar aparece como central para que pudessem realizar seus estudos, sobreviver aos cotidianos violentos e elaborar suas táticas de resistência.

Começaremos pela narrativa de Maria Clara, que contou com o suporte financeiro e emocional quando estava morando em São Paulo, para onde se mudou a fim de cursar o mestrado. Sem bolsa de estudos, na fase inicial da pesquisa. O dinheiro que sua mãe mandava mensalmente foi definidor para que pudesse continuar sua carreira:

Eu diria que isso foi muito importante para que eu continuasse na minha carreira acadêmica. Teve um período que passei entre o mestrado e o doutorado, eu passei cinco meses sem bolsa. E morando fora de casa, em São Paulo, durante esse período eu procurei emprego e tudo o mais. Eu passei cinco meses procurando emprego, em um primeiro momento empregos na minha área, então, em farmácia, indústria etc. E mais para frente, qualquer coisa e eu não consegui nada em cinco meses. E nessa fase, meus pais, especialmente minha mãe, me sustentaram fora de casa. Coisa que, se eu não tivesse tido esse apoio, eu não saberia como eu teria me virado. Você está fazendo pós-graduação, você sabe que uma bolsa de mestrado, ainda mais vivendo em São Paulo, não dá pra você guardar dinheiro, para fazer uma reserva para esse tipo de situação. Então como me manter sem essa ajuda da minha mãe? Então, esse apoio dos meus pais foi algo essencial para que eu conseguisse continuar nessa carreira<sup>11</sup> (UNESP, 2018a)<sup>12</sup>

O apoio dado pela família assumiu um papel muito importante na narrativa das interlocutoras. Maria Clara reconhece que o acolhimento de sua família em relação a sua identidade de gênero possibilitou que ela não tivesse que abandonar a casa onde residia e, assim, continuar frequentando uma escola. Reconhecemos que as histórias aqui narradas ainda são histórias de exceção. Por isso mesmo consideramos importante contá-las.

Martha Helena de Souza et al. (2015) asseveram que o não apoio da família, ou ainda, as agressões que as trans sofrem “no contexto da família nuclear” (SOUZA et al.,

---

<sup>11</sup> UNESP. “Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico”. 5 de outubro de 2018a, 16h:43min. WhatsApp

<sup>12</sup> UNESP. “Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico”. 5 de outubro de 2018a, 16h:43min. WhatsApp

2015, p. 770) acabam por ocasionar o abandono do espaço da casa. As mesmas autoras (2015, p. 771) registram que essa violência começa quando elas experimentam as primeiras mudanças corporais por “não estar nos padrões de gênero esperados pela família como um dos primeiros obstáculos vivenciados” (p. 771)

Os padrões de gêneros vão definir o homem e a mulher “verdadeiros”, mantidos pela/na heterossexualidade, baseados em “uma amarração, uma costura, ditada pelas normas, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação”, segundo Berenice Bento (2005, s.p.). Ao manifestar essa inadequação a esses sistemas/cistemas serão punidas. A expulsão da casa da família, não raro, é um desses castigos. Don Kulick (2008), em sua pesquisa, destaca a narrativa de uma travesti que, era espancada pelo irmão e cuja mãe temia que o mesmo a matasse, acaba colocando-a para fora de casa.

Toda essa violência, todo esse abandono vai produzindo um enfraquecimento da autoestima dessas mulheres, segundo escreve Willian Siqueira Peres (2005, p. 2), trazendo adoecimento para essas pessoas, como “depressão, crises de ansiedades, sensações de pânico”.

Portanto, contar com o apoio familiar é mais que garantir um teto, é aumentar significativamente suas chances de sobrevivência.

Maria Eduarda fala sobre o apoio de sua mãe ao seu processo de transição.

Minha mãe quando eu falei pra ela “mãe eu preciso de você”, foi quando eu falei pra ela e ‘botei’ ela na parede: “eu preciso da senhora, eu preciso que a senhora me ajude, que você pague minha cirurgia”. Minha mãe foi fazer a cirurgia comigo, me acompanhou em tudo. Foi pra São Paulo comigo (UNESP, 2018c).<sup>13</sup>

É desse lugar da aceitação de suas identidades, de ajuda material e financeira, que surge a possibilidade de re-existirem.

Continuando nossas análises sobre a importância que a família assume na vida das interlocutoras, buscamos alguns relatos que trazem o apoio que recebem durante o processo da transição “de gênero”<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> UNESP. “Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico” 8 de janeiro de 2018c, 14h:29. WhatsApp

<sup>14</sup> Deixamos entre aspas, para pensarmos na fala de Beatriz Pagliarini que, ao ser interpelada sobre como foi seu processo de transição, ela questionou se realmente existiu um momento ou foi desde sempre que a transexualidade se manifestou. Desse modo, tensionamos a identidade, como algo fixo e buscamos pensá-la na correlação com outras identidades. Por exemplo, a cisgeneridade.

Vejamos o que fala Maria Augusta sobre sua família e como eles lidaram com ela:

Foi muito surpreendentemente positivo, eu acho que de certa forma eles já estavam, vou usar essa expressão, calejados, porque eu já tinha me assumido gay com 16 anos. Aí eu acho que durante esses anos eles foram acostumando com a ideia de eu não ser normativa e aí meio que a transexualidade foi a cereja do bolo. Então eles entendem meio que assim, no mesmo balaio essas coisas. Então foi muito tranquilo. No início teve uma questão de estranhamento... 'ai, não sabemos como vamos lidar com isso, mas sim, a gente te respeita, vamos te apoiar, a gente te ama'. Então assim, deu quinze dias eles já estavam se esforçando para me chamar de filha, de usar o nome Maria Eduarda. Minha mãe 'olha trouxe um vestido para você'. Então nossa relação super melhorou e hoje é muito, muito melhor do que era na minha adolescência, porque aí a gente rompeu com essa barreira, hoje eu tenho total apoio dos meus pais e dos meus tios também (UNESP, 2018e).<sup>15</sup>

Anne Ranyelle relata uma experiência um pouco mais conturbada, mas que termina em acolhimento por parte dos pais, principalmente da mãe:

Familiarmente falando, eu tive vários momentos. Eu tive um momento em que meus pais descobriram, inclusive é como eu falei em outro vídeo, que meus pais descobriram de uma forma que eu não estava pronta para falar para eles. Muitas pessoas da minha família já sabiam, mas meus pais não. Então eles descobriram através da internet. Então, assim, eu fui obrigada a adotar uma postura que ainda não estava preparada para assumir. Foi minha primeira grande dificuldade, porque me jogaram para fora da minha zona de conforto e foi uma coisa que eu não estava preparada para assumir. Mas de certa forma foi bom, eu passei por muita coisa. Minha mãe é muito religiosa, meu pai trabalha com mineração e é de uma família de caminhoneiros, então você já imagina que ele vem de uma família muito machista, em contrapartida minha mãe vem de uma família muito religiosa. E assim, eu tive de desbravar muita coisa, foi uma construção. Pra minha mãe foi muito difícil, até hoje é muito difícil pra ela, por exemplo, me chamar pelo meu nome, Anne, ela me chama pelo nome de batismo, assim como muita gente da minha família. Pra ela foi muito difícil a primeira vez que comecei a me vestir, ela tinha muito medo, ela tem muito medo de como as pessoas vão me tratar na rua, mais medo do que eu. Da forma como as pessoas veem com preconceito, ela fica muito assustada com essas notícias que vazam de gente que mata as transexuais, que mata homossexuais, que violentam. Às vezes ela repreende muito mais as pessoas que me olham de forma esquisita na rua, do que eu, nota muito mais que eu, porque ela tem essa preocupação. Pouco depois que eu abordei sobre isso ela e meus pais se separaram, e para meu pai era bem mais difícil, tanto que eu digo que estou em uma transição há basicamente oito anos e a minha relação com meu pai começou a melhorar a se estabilizar da gente conversar, dele aceitar, não digo nem aceitar, mas respeitar, de janeiro para cá [se referindo a

---

<sup>15</sup> UNESP. "Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico". 10 de outubro de 2018e, 10h:44. WhatsApp

janeiro de 2018]. Então, é bastante recente, eu passei por vários momentos de tribulação com meu pai. E assim o resto da família eu tive muitos primos que foi assim super fácil, muitos primos que eu me abria, muitos tios foi tranquilo, pra outros não. Pra minha avó... foi muito surpreendente, ela nunca falou nada comigo, então eu nem posso dizer assim, da parte dos meus avós o que eles sentem, eles são muito reservados, ninguém nunca falou na minha cara, mas também ninguém nunca me destratou. Foi uma construção, foi degrau, por degrau, ao longo desses anos, até que um dia se tornou natural, hoje eu não tenho nenhum problema em nenhuma parte da família (UNESP, 2018b).<sup>16</sup>

Beatriz Pagliarini relata como foi a aceitação de seus pais quanto à sua transexualidade:

Ainda sobre apoio familiar, a primeira coisa que disse foi que era aceita pela família. [Se refere que começa a entrevista dizendo que sempre foi aceita pela família]. Isso é verdadeiro. Além de ser verdadeiro o fato de que eu nunca cogitaria a ideia de que eu poderia ser expulsa de casa ou coisa parecida. Contudo, no começo da transição, não foi exatamente fácil a compreensão deles, porque afinal ninguém é educado sobre questões trans. Mas felizmente isso foi se acertando com o tempo (UNESP, 2018d).

17

Ter uma família que pudesse pagar os custos de uma faculdade cursada fora de sua cidade natal, ou ainda, dar suporte emocional quando elas precisam para viver suas transexualidades, surgem como de fundamental importância para este texto e para as análises da tese. Com isso, retomamos Certeau (1994) ao escrever sobre os pequenos golpes dados na normalização, no controle. Se o mais comum, segundo o que as pesquisas mostram, “Martha Sousa (2012), Hélio Silva (1993), Marcelo Oliveira (1997), Don Kulick (1998) e Marcos Benedetti (2005)” (PELÚCIO, 2009, p. 70), são os espancamentos por membros da família nuclear, como irmãos mais velhos, pais, dar apoio, incentivar nos estudos trazem essa outra movimentação.

Mesmo com o peso do disciplinamento e do controle, a vontade de vida teima em emergir. É essa teimosia que provoca a trapaça e camufla desejos. Esconde-os do olhar retilíneo uniforme da disciplina, do controle. As interlocutoras, as mulheres que entrevistei não estavam sozinhas, suas famílias surgiram como importantes insufladoras, rebeldes que são, buscando formas de movimentar-se no espaço, como os camaleões, fugindo do

---

<sup>16</sup> UNESP. “Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico”. 5 de junho de 2018b, 20h:48. WhatsApp

<sup>17</sup> UNESP. “Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico” 7 de setembro de 2018d, 21h:26. WhatsApp

silenciamento da norma.

Assim, das minúcias das resistências ao acolhimento das famílias e, tendo em suas vivências sobre a transexualidade a construção de rotas outras, na vida e na escola básica criaram linhas de fuga, no terreno do social.

### **Um finalizar de estratégias: uma conclusão**

Neste texto traçamos algumas rotas que se fazem por meio de estratégias estabelecidas para a movimentação em territórios institucionais de poder, produzindo resistências e questionado a norma, nem sempre pelo enfrentamento direto a elas, mas reconhecendo-as para poder se camuflarem. Estratégias de proteção e cuidado construídas como malabarismos no movimento do cotidiano (CERTEAU, 1994). Tudo isso produzindo suas permanências na escola básica que, junto ao apoio dado por suas famílias, as mulheres trans que aqui protagonizaram algumas narrativas, puderam concluir este ciclo inicial de estudos (o Ensino Médio) e entraram na Universidade. Algo que seria natural para muitos e muitas, mas não para aquelas que ainda são rechaçadas de muitos espaços, inclusive, os educacionais.

A participação de suas famílias durante o período da educação básica escolar e, em seguida, em seus processos de transexualização, mostrou-se como de fundamental importância nas suas (sobre)vivências.

A escola também apareceu para além de uma instituição disciplinamento, como espaço capaz de proporcionar encontros afetivos, de produção de sentidos e de experimentações no campo do gênero e da sexualidade. De forma que as entrevistadas puderam traçar outras rotas que as levaram ao ensino superior, e não apenas rumo à evasão involuntária (ANDRADE, 2012).

Este processo que pensamos aqui neste texto, as estratégias de sobrevivência e a presença das famílias nas vidas das interlocutoras, são parte de um debate maior que traçamos na tese. Nesta, narramos a atuação do movimento social de travestis e transexuais, da Universidade Pública e das próprias interlocutoras, produzindo debates para repensar toda a normatização que as segregam. Constatamos que esse movimento, que construímos em três vias (do movimento social, da Universidade e das mulheres trans interlocutoras), produziu outras rotas e, assim novas subjetividades, que já reverberam na

educação básica e nas chegadas dessas interlocutoras à Universidade.

Neste artigo, nos concentramos nos atos miúdos do cotidiano e na potencialidade do ordinário para inventar a vida e, sobretudo, a sobrevivência. Tomamos a camuflagem como uma tática criativa que permite estar sem ser vista. Aprender para sobreviver. Sobreviver para reinventar as possibilidades de existência.

## Referências

AMADO, Jorge. **Tieta do Agreste**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

ANDRADE, Luma. **Travestis na escola: assujeitamento e/ou resistência à ordem normativa**. 2012. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 351 p.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. **Cadernos Pagu**, 2019.

D'EMILIO, John. **Sexual politics, sexual communities: the making of a homosexual minority in the United States 1940-1970**. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I**. São Paulo: Editora 34, 2011a. 560 p.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. 280 p.

MAHMOOD, Saba. "Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito". **Etnográfica**, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 121-158, 2006.

PAGLIARINI, Beatriz.; KASS, Hailey.; VERGUEIRO, Viviane. Transfeminismo: feminismo interseccional relacionado às questões Trans. **Tranfeminismo**, São Paulo, jun. 2011. Disponível em: <<https://transfeminismo.com/>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de**

aids. São Paulo: Annablume, 2009. v. 1, 263 p.

PERES, Willian. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania**. 2005. 201 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RANNIERY, Thiago. **Corpos feitos de plástico, pó e glitter: currículos para dicções heterogêneas e visibilidades improváveis**. 2016. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, Adílson.; SILVA, Divino. **Governo, subjetividade e resistência: Foucault e Certeau**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2., 2016, Franca. **Anais...** Franca: Unesp/Franca, 2016. p. 1-15.

SOUZA, Martha. Helena de, et al. **Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil**. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 767-776, abr. 2015.

TIETA do Agreste. **Wikipedia**, San Francisco, jul. 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tieta\\_do\\_Agreste](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tieta_do_Agreste)>. Acesso em: 18 set. 2019.

TRANSEXUAISSP. **Entrevista Bia Pagliarini Bagagli**. [S.l: s.n.]: 2015. 1 vídeo (13:25). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=INMi3pcnnIE>>. Acesso em: 15 dez. 2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP). **“Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico”**. 5 de junho de 2018b, 1h:05. WhatsApp.

\_\_\_\_\_. **“Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico”**. 8 de janeiro de 2018c, 1h:20. WhatsApp

\_\_\_\_\_. **“Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico”**. 7 de setembro de 2018d, 55min. WhatsApp

\_\_\_\_\_. **“Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico”**. 5 de outubro de 2018a, 50min. WhatsApp

\_\_\_\_\_. **“Mulheres trans universitárias: A emergência de Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no universo acadêmico”**. 10 de outubro de 2018e, 1h:15. WhatsApp